

em explorações de ovinos na região Alentejo

Caetano, P. A., Branco, S. A, B, C, Monteiro, H. D., Bettencourt, E. A, B, C, Dias, C. C., Tábuas, L. D., Matos, C. D., Henriques, P. C, E



INTRODUÇÃO

A peeira é uma doença altamente contagiosa, sendo causada pela bactéria *Dichelobacter nodosus*¹. Esta doença afeta a epiderme do espaço interdigital e as úngulas dos ruminantes, sendo os ovinos os mais suscetíveis¹. A peeira corresponde à principal causa de claudicação em ovinos², tendo por isso uma enorme relevância tanto do ponto de vista económico como de bem estar animal³. Já foram reportados casos clínicos de peeira ovina em grande parte dos países que se dedicam à produção de ovinos⁴. Apesar de não haver dados referentes à prevalência e aos fatores de risco de peeira ovina no Alentejo, é opinião geral dos médicos veterinários e produtores que esta afeição tem um impacto financeiro bastante avultado nas explorações de ovinos.

OBJETIVOS

- estimar a prevalência de peeira em explorações de ovinos na região Alentejo;
- identificar os fatores de risco associados à existência da doença nesta área geográfica.

METODOLOGIA

- Inquéritos epidemiológicos a produtores de ovinos da região Alentejo (n=607)
- Questionários, por entrevista oral, aos proprietários de explorações de ovinos – seleção aleatória em todas as OPP's do Alentejo.
- Período de recolha dos inquéritos: outubro de 2016 – dezembro de 2017.
- Análise estatística: IBM® SPSS Statistics®: teste F da ANOVA para variáveis quantitativas; Qui-quadrado para variáveis qualitativas.
- Prevalência estimada nas explorações inquiridas: calculada com base nas respostas afirmativas dos produtores à presença de peeira nas suas explorações.

RESULTADOS

Foram obtidos 607 inquéritos, sendo a prevalência global nas explorações inquiridas estimada em **34,6%**. Os inquéritos realizados por sub-região e a respetiva prevalência encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1: Inquéritos realizados por sub-região, explorações com resposta positiva e prevalência estimada (%)

Sub-região	Total de explorações	Explorações com resposta afirmativa	Prevalência estimada
Baixo Alentejo	227	67	29,5%
Alentejo Central	163	62	38,0%
Alto Alentejo	125	58	46,4%
Alentejo Litoral	92	23	25,0%

Na figura 1 é possível observar a distribuição geográfica das explorações que responderam afirmativamente à presença de peeira nos seus efetivos (prevalência estimada, %)

Como **fatores de risco** da existência de peeira foram identificados (tabela 2):

- **Maior área de exploração**
- **Maior dimensão do efetivo**
- **Concentração das épocas de cobrição / partos**
- **Presença de áreas com montado**
- **Estabulação dos animais**
- **Fraca capacidade de drenagem dos solos**
- **Participação em feiras e mercados**

AGRADECIMENTOS

Este estudo engloba-se no projeto GEN-RES-ALENTEJO (ALT 20-03-0145-FEDER-000037) – “Utilização de Metodologias Genómicas na Seleção de Ovinos resistentes à Peeira e a Parasitas Gastrointestinais na região do Alentejo”. Este Projeto é financiado pelo Fundo Europeu para o desenvolvimento regional e pelos programas Alentejo 2020 e Portugal 2020. Agradece-se também a todos os médicos veterinários e produtores que se disponibilizaram a divulgar e responder aos inquéritos.

BIBLIOGRAFIA

- Raadsma H., Egerton J. (2013). A review of footrot in sheep: Aetiology, risk factors and control methods. *Livestock Science*, 156, 106-114.
- Winter J. R., Kaler J., Ferguson E., Kilbride A. L., Green L. E. (2015). Changes in prevalence of, and risk factors for, lameness in random samples of English sheep flocks: 2004-2013. *Preventive Veterinary Medicine*, 122(1-2):121-8.
- Nieuwhof G. J., Bishop, S.C. (2005). Costs of the major endemic diseases of sheep in Great Britain and the potential benefits of reduction in disease impact. *Animal Science*, 81, pp 23-29.
- Raadsma H., Dhungyel O. (2013). A review of footrot in sheep: New approaches for control of virulent footrot. *Livestock Science*, 156(1-3), 115-125.
- Green, L. George, T. (2008). Assessment of current knowledge of footrot in sheep with particular reference to *Dichelobacter nodosus* and implications for elimination of control strategies for sheep in Great Britain. *Veterinary Record*, 163, 17-21.
- Angell J., Grove-White D., Duncan J. (2018) Sheep and farm level factors associated with footrot: a longitudinal repeated cross-sectional study of sheep on six farms. *Veterinary Record*.
- Bennett G., Hickford J. (2011) Ovine footrot: New approaches to an old disease. *Veterinary Microbiology*, 148, 1-7.
- Emery, D., Stewart, D., Clark, B. (1984). The comparative susceptibility of five breeds of sheep to foot-rot. *Australian Veterinary Journal*, 61: 85-88. *Britain. The Veterinary Journal*, 175: 173-180.

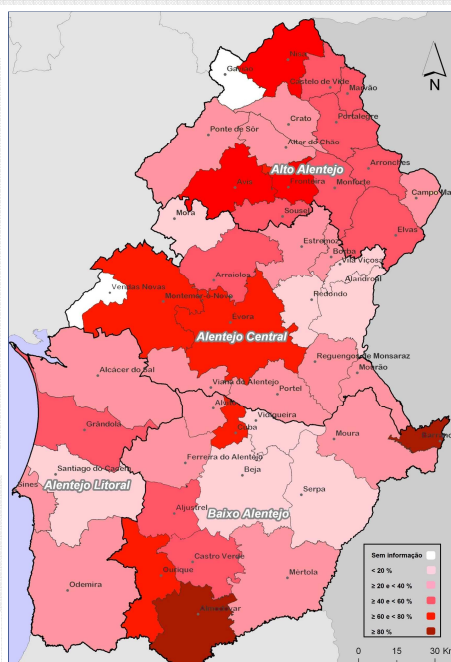


Figura 1: Distribuição das explorações em função da prevalência estimada de peeira (% , n=607)

Tabela 2: Fatores de risco para a peeira ovina em explorações do Alentejo (Odds ratio (OR) e Intervalo de Confiança (IC))

Variável	Amostra	p-value	OR e IC a 95%
Área (hectares)	≥ 100	<0,001	2,44
	< 100		[1,73; 3,47]
Nº ovinos	≥ 150	<0,001	3,17
	< 150		[2,23; 4,53]
Épocas de parto	Concentrada	<0,001	2,07
	Todo o ano		[1,47; 2,91]
Montado	Presente	<0,001	2,71
	Ausente		[1,71; 4,28]
Estabulação dos animais	Sim	<0,01	1,66
	Não		[1,15; 2,39]
Drenagem dos solos	Fraca	<0,01	3,75
	Boa / Média		[1,56; 8,99]
Participação em feiras	Sim	<0,05	1,86
	Não		[1,07; 3,24]

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

De acordo com os inquéritos respondidos, existem diferenças estatisticamente significativas entre as sub-regiões do Alentejo ($p < 0,01$), sendo que as explorações localizadas nos concelhos do Alto Alentejo e Alentejo Central apresentam prevalências de peeira tendencialmente superiores. Os concelhos de Barrancos e Almodôvar (Baixo Alentejo) são exceção a essa evidência.

Os fatores de risco identificados estão de acordo com os trabalhos de Green & George⁵ e de Angell *et al.*⁶, uma vez que estão associados a um aumento da densidade populacional, que consequentemente levam a um incremento da quantidade de *D. nodosus* presente no ambiente, favorecendo a disseminação da doença. A fraca capacidade de drenagem dos solos favorece a maceração do estrato córneo da úngula, facilitando a penetração do agente na pele⁷. Contrariamente ao descrito por Bennett & Hickford⁷, não foi possível determinar as variáveis climáticas (pluviosidade, temperatura e humidade) como fatores de risco, possivelmente porque os dados meteorológicos usados (outubro de 2016 a maio de 2017) corresponderam a uma época de seca, pouco favorável ao desenvolvimento de peeira. Está descrita uma predisposição racial para o desenvolvimento da doença (raça merina é mais suscetível)⁸, mas nas explorações inquiridas não foi possível confirmar essa evidência uma vez que grande parte destas têm animais de raça cruzada.